

Já meio esquecida em nossos dias é a alegria que provém da arte da correspondência

Escrever Cartas - uma Arte Esquecida

Flora Rheta Schreiber



UMA SIMPLES produção teatral chamada *Dear Liar* (Amável Mentiroso) me fêz compreender, com uma nova percepção, o mundo de romance e revelação que pode existir na troca de cartas. Tudo o que se passou no palco foi apenas a leitura, por Brian Aherne e Katharine Cornell, da correspondência trocada entre o dramaturgo George Bernard Shaw e a grande atriz Sr.^a Patrick Campbell. Embora não tivesse havido praticamente nada além dessas cartas de “amor” nas relações entre Shaw e a Sr.^a Campbell, as cartas eram tão fiéis às emoções humanas que eu achei as duas horas de leitura tão anima-

das e agradáveis como a representação de uma peça. Para Shaw, a carta era o meio supremo de expressão. Dizia êle: “Os que se possam queixar de que tudo aconteceu no papel devem lembrar-se de que até hoje só no papel a humanidade atingiu glória, beleza, verdade, conhecimento, virtude e amor duradouro.”

As cartas são um prisma através do qual se compreende aquilo que não era evidente, um meio de auto-expressão que nos liberta de emoções contidas. Captando e preservando experiências preciosas do passado, as cartas são emissários de nosso antigo eu ao nosso eu presente. Revelam, e por vêzes chegam mesmo a inspirar, os maiores momentos da vida.

Condensado de “The Elizabethan”

Aquela noite no teatro me fêz pensar na minha própria correspondência e nos motivos por que eu a tinha deixado esmorecer. A verdade simples era que, à medida que se ia fechando sôbre mim a prisão de ganhar a vida e viver com “bom senso”, minhas cartas, como as da maioria das pessoas, se haviam tornado utilitárias, impessoais, reservadas. Que soma de satisfação eu estivera perdendo!

No dia seguinte sentei-me para escrever uma carta banal sôbre negócios. Mas iniciei-a pondo nela algo de pessoal. Soubera que o meu advogado, que sofria de artrite, ia a Los Angeles a negócio. Falei-lhe de um médico daquela cidade que salvara meu tio de ser levado pela artrite a uma cadeira de rodas. A feliz consequência foi que o advogado procurou êsse médico e obteve resultados satisfatórios com o tratamento. E meu advogado e eu, que sempre havíamos tido relações apenas formais, tornamo-nos bons amigos.

Foi através das cartas que um jovem, meu conhecido, revelou uma facêta de sua personalidade até então desconhecida para mim. Na companhia dos outros mostrava-se tão tímido que as pessoas raramente esperavam pelas suas observações—muitas das quais eram penetrantes e inteligentes. Porém, nas cartas que redigia a muitos de nós, tais qualidades salientavam-se. Fizemos circular as cartas no grupo, dando risadas com apreciações como esta:

“Um dêesses dias tão bonitos que dá pena a gente não estar vivo.” Dentro em pouco reuníamo-nos à sua volta nas reuniões, para arrancarlhe os seus chistes.

Uma boa carta necessita ser escrita com o coração aberto... é êste o segrêdo. Não receie pôr a descoberto os seus pensamentos e sentimentos íntimos—sôbre religião, amor, amizade. Certa vêz George Eliot escreveu a uma pessoa, sua conhecida: “Eu gosto não apenas de ser amada, mas também de ouvir dizer que sou amada. O reino do silêncio é bastante grande depois do túmulo. Êste é o mundo da luz e da palavra. E eu tomo a liberdade de dizer que lhe quero muito bem.”

Escritas assim, com um espírito de participação, as cartas podem ser um meio delicioso para a descoberta do eu. Tenho um amigo que aprofundou a sua percepção numa tarde de domingo, ao incluir na sua carta semanal ao irmão um resumo do sermão que ouvira pela manhã. Para reproduzir o sermão, teve de pensar novamente nêle. Pensar, por sua vez, levou-o a novas leituras da Bíblia e de outros livros.

—Foi uma tarde magnífica!—disse-me êle.—Foi como se houvesse encontrado uma voz espiritual tôda minha.

O esforço para exprimir as próprias reações diante do mundo traz às vêzes compensações inesperadas. Um de meus amigos, quando ia ao teatro, deixava de conversar e de fumar um cigarro nos corredores,

durante os intervalos, para anotar suas críticas sôbre a peça e mandá-las à namorada, na sua cidade natal. Cristalizando assim os seus pensamentos, êle adquiriu a disciplina que mais tarde lhe foi útil . . . quando se tornou crítico teatral.

Muitas pessoas fazem das cartas um diário improvisado. Colocando num livro de recortes as que recebem e cópias das que escrevem, obtêm um resultado muito mais revelador do que pròpriamente com um diário. Falta vida à maioria dos diários, porque êstes são escritos só para a própria pessoa. Mas um diário de cartas verdadeiras, escritas a pessoas verdadeiras e delas recebidas, tem o imediatismo da vida como é vivida. E enquanto as páginas frias do diário tendem a ser apenas uma apreciação de determinados acontecimentos, a carta é por si mesma um acontecimento, preservado de forma palpável.

As cartas podem ser também a terapêutica da alma, libertando emoções e ansiedades sufocadas. Às vêzes, os psiquiatras pedem aos clientes que escrevam breves ensaios sôbre seus problemas e sentimentos, submetendo-os depois à crítica. Parece que a sujeição em focalizar pensamentos e emoções no papel traz uma nova clareza na compreensão que cada um tem de si mesmo.

Meu próprio espírito encontrou renovação em cartas, depois de haverem chegado as sombras de duas grandes dores. Primeiro com a morte de meu noivo e depois com a

morte de meu pai, perdi os companheiros com quem havia partilhado a aventura de minha alma. E só consegui refazer-me—em ambos os casos—escrevendo aos amigos mais próximos dos dois e exprimindo a plenitude de meus sentimentos. Tanto da primeira como da segunda vez descobri que lágrimas só provocavam mais lágrimas e palavras mais palavras, ao passo que só as cartas, escritas em momentos de recolhimento e investigação, traziam o consôlo verdadeiro.

Cristalizando em cartas os seus sentimentos mais profundos, a pessoa pode chegar até a criar uma filosofia de vida. Depois de testemunhar horrores nos hospitais, nos seus primeiros tempos de enfermeira, Florence Nightingale escreveu a sua mãe: “Sinto um profundo interesse por tudo o que acontece aqui, e estou passando muito bem de corpo e de espírito. Agora sei o que é viver e amar a vida. Deus fêz de fato a vida muito rica em interesses e bênçãos, e eu não desejo outra terra nem outro mundo senão êste.” O impetuoso senso de comunhão com a humanidade, manifestado por Florence Nightingale nessa carta, fêz com que ela dedicasse sua vida a salvar outras vidas.

As cartas têm muitas vêzes ajudado as pessoas a tomarem decisões importantes. William Schuman, presidente da Escola de Música Juilliard e detentor do Prêmio Pulitzer para compositores, era aos 19 anos aluno de um curso de administração

comercial. Mas, desde o momento em que ouviu pela primeira vez um concêrto sinfônico, não pôde mais esquecer o som de uma centena de instrumentos.

Um dia pela manhã, depois das aulas, Schuman elaborou três cartas. A primeira era dirigida a si mesmo. Escreveu êle: “Não desejo vencer se não fôr realizando aquilo que realmente quero fazer. Tenho de tentar o desconhecido. Sinto mêdo. Mas já tomei a minha resolução.”

Na segunda carta, escrita aos pais, êle dizia que o concêrto o havia convencido de que a única coisa que êle desejava na vida era tornar-se um verdadeiro compositor. Finalmente, escreveu ao secretário da escola, comunicando que ia abandonar os estudos. Percebeu então que, pondo em palavras escritas o que

seu coração pedia, êle transformara aspirações inconscientes em compromisso consciente.

Agora que adquiri novamente o hábito de escrever cartas, procuro estar preparada para escrevê-las sempre que me ocorra o desejo de fazê-lo; para isso trago sempre na bôlsa um bloco de papel. E tenho a felicidade de ver que, nesta era lacônica, alguns amigos que tenho descobriam também a satisfação de escrever e receber cartas expressivas e reveladoras. Minha pasta de cartas é um registro que fixa algumas das emoções mais importantes de minha vida. Reler essas cartas, recordando as emoções tranqüilamente, é um infinito consôlo que permite recapturar o passado sem perder-me nêle e voltar para casa com marcos a indicar o caminho.



Cuidado: Escola

MEU MARIDO, professor secundário, sempre recebe um folheto de instruções no comêço do período letivo do outono. Êste ano algo nôvo fôra acrescentado às regras sôbre horas de trabalho: “De segunda a quinta-feira os professôres devem sair meia hora depois dos alunos. Na sexta-feira podem sair quando toca a sinêta no fim das aulas, às três horas . . . *mas não podem atropelar os alunos.*” —Sr.^a B. B.

UMA PROFESSÔRA inteligente manda êste recado aos pais no início do ano letivo: “Se prometer não acreditar em tudo o que seu filho disser que acontece na escola, eu prometo não acreditar em tudo o que êle diz que acontece em casa.”

—Ike Lóndon, citado por Kays Gary, em *Observer* de Charlotte, Carolina do Norte



Nunca tantas pessoas viveram tão bem devendo tanto.

—A. Sapiënt, em *The Oregon Jesuit*